

Foi a beleza e a força da paisagem escolhida para ser lugar e a necessidade de imposição da razão para que a humanidade não se perca, se defenda e continue a aprofundar o projecto do Homem.¹

¹ Alexandre Alves Costa, *Textos Dados*. 1ª. edição. Col. Debaixo da Telha, Série A, 2. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2007, p. 60; O autor escreve estas palavras a propósito de uma visita a Machu Picchu, que lhe lembrou Portugal.

2.0 Introdução

Na presente dissertação de mestrado pretende-se conceber uma ideia de arquitectura pela construção de um discurso crítico através do pensamento de Álvaro Siza, traduzido nos seus escritos, projectos e obra construída, em torno de uma problematização da condição do *novo* na arquitectura.

Antes de mais, pode ser importante precisar aqui que este problema se atribui ao âmbito de uma necessidade, exigência, limitação de outra existência não conhecida a que a arquitectura deve dar resposta.

A pertinência deste tema coloca-se desde logo pela dimensão fundamental do *novo* no universo da arquitectura e de modo particular na arquitectura do século XX, profundamente marcada por uma condição de ruptura. De facto o moderno, em sentido comum, constitui um mundo de referência para muitos autores da segunda metade do século XX. Mas esta herança para além de ser profundamente heterogénea, é entendida e trabalhada de modos muito diferentes. Em Álvaro Siza encontramos uma posição pessoal consistente, ao nível metodológico e formal, edificada sobre um apoio e um campo referencial muito para além da experiência moderna.

Trata-se por isso de confrontar o pensamento de Álvaro Siza com as formulações teóricas da modernidade e aferir a ancoragem de uma ideia de arquitectura que pode servir ao debate contemporâneo.

Todo o pensamento de Álvaro Siza revela a procura de uma verdade que se faz evidente na realidade sobre a qual se baseia, tanto natural como construída, histórica, cultural. Encontra-se com essa evidência em cada obra, em cada lugar, não em considerações teóricas. Estas quando surgem são reflexões *à posteriori*, quase como relatórios da experiência.

A complexidade daquele campo referencial deriva então de uma opção fundamental pela realidade que implica, primeiro que tudo, um conceito de arquitectura como uma relação inteligente entre o homem e a natureza. Facto que o afasta decididamente dos pressupostos da modernidade, logo da correspondente manifestação arquitectónica, desde a origem, nas diversas expressões aparentemente antagónicas.

Siza recusa assumidamente simplificações ideológicas daquela realidade, por compreender que são substancialmente limitadas para responder à totalidade do homem, individualmente e socialmente entendido.

Se a ligação da sua arquitectura com o território fez eco de nomes como Alvar Aalto e Frank Lloyd Wright, ou mesmo Le Corbusier e Mies Van der Rohe nos anos 50 e 60, a partir dos anos 70 desenvolve habilmente este complexo artifício de compendiar diversas arquitecturas em simultâneo, convocadas selectivamente para compor as suas obras. Então as citações iconográficas do moderno figuram avulsas nas narrativas de Siza. Note-se que é também a experiência moderna e mais ainda de alguns autores modernos que está ao serviço da sua arquitectura, fazendo parte de uma estratégia que visa a identificação com o lugar. É a realidade que continua a informar as suas obras, porque estas, numa lógica inclusiva já iniciada em Fernando Távora, integram a realidade histórica que o moderno deixou, nunca são uma realização das ideias modernas.

Siza está sempre de fora. Este caminho exige não só o domínio de toda a história como a recusa de qualquer ideologia. Não é o compromisso histórico que Siza procura, mas o compromisso inalienável com o protagonista da história, o homem no que tem de mais estrutural e invariável e por isso também em toda a sua necessidade e contingência.

É assim que se parece fundamentar uma posição que não pode ser identificada como moderna, seja em que grau for, nem tão pouco como pós-moderna, nem com qualquer outra corrente.

Uma arquitectura que procura uma continuidade geográfica e histórica sem limites, na qual cada obra representa a construção de uma universalidade e de uma intemporalidade possíveis, onde o *novo* não se afirma como uma condição de ruptura, mas como a singularidade de uma evidência.

Interessa por isso estudar o pensamento de Álvaro Siza e também de algumas das suas raízes e filiações que nos permitam uma contextualização, campo de investigação do qual emergiu o próprio problema e o objecto do trabalho.

Apresentamos genericamente como objectivo, a comunicação dos resultados desta investigação em relação ao problema colocado, particularmente o processo de validação das análises elaboradas.

A metodologia de estudo considerou os instrumentos necessários para o desenvolvimento dos pressupostos enunciados. Presente o procedimento sistemático da investigação científica, não se ignorou contudo a insuficiência da “instrução formal para

se entender como os processos cognitivos ocorrem nos subtis e complexos contextos da descoberta e invenção”² em arquitectura.

De facto, o trabalho não se limitou por um desenvolvimento linear ou rigorosamente disciplinar e do mesmo modo podemos também dizer que, tal como Siza, não partimos com a “obsessão da originalidade”³, na convicção que assim podemos acercarmo-nos melhor do pensamento do autor. Neste sentido, digamos que a originalidade do trabalho é como que consubstancial à própria condição do *novo* que procura desenvolver.

É importante referir que se trata de uma dissertação estruturada com base na reflexão sobre arquitectura desenvolvida por Álvaro Siza e não na análise crítica exterior da sua obra.

O trabalho teve assim como principais recursos teóricos todos os seus escritos publicados entre 1963 e 2008, dos quais foi possível identificar um conjunto de insistências que deram origem à sequência de tópicos que compõem o corpo da dissertação; os seus projectos e toda a sua obra construída, publicada e analisada por diversos autores e da qual apresentamos também uma selecção que foi alvo de uma observação mais específica que complementa pela tradução construída aquele articulado; a informação seminal relativa à contextualização do objecto de estudo, particularmente sobre modernidade e a sua crítica, pós-modernidade, cultura e arquitectura portuguesa, conflito entre moderno e vernáculo em Portugal, Escola do Porto, Fernando Távora e Álvaro Siza, e da qual se configurou ainda três capítulos próprios com carácter de anexo. Os respectivos suportes foram na sua quase totalidade publicações e a experiência de visita a algumas das obras seleccionadas.

Estas representam sobretudo diferentes modos de relação com o solo e com a paisagem, pelo facto de ser a dimensão mais empírica, capaz de documentar o exercício de observação que informa esta ideia de arquitectura.

² Mário Krüger, “A Arte da Investigação em Arquitectura”, Coimbra: *ECDJ*, Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. N.º 5, Investigação em Arquitectura, Dezembro 2001, p. 26;

³ Álvaro Siza, *Immaginare l’evidenza*, Pref. de Vittorio Gregotti, Trad. de Soares da Costa, 1ª Edição, Lisboa: Edições 70, 1998, p. 145;